

VIDA MUSICAL

tem um programa modesto — é uma *Revista de Vulgarisação* — mas por isso mesmo se nos afigura de estrema utilidade como factor de educação musical.



R. WAGNER

Fora dos entendidos, que facilmente acompanham todo o movimento musical estrangeiro pela leitura das varias e magnificas revistas que lá fora não escasseiam, ha entre nós uma legião de amadores da divina arte, que até hoje terão talvez lastimado não se publicar em lingua portuguesa, a preços populares, uma revista dedicada á musica, que os ajude a seguir, tanto as manifestações exclusivas da arte nacional, como a producção estranha de dominio propriamente artistico, critico, informativo ou didatico.

É um facto averiguado entre nós: a par dos eruditos que familiarmente abordam toda a tecnica inovadora, desde Wagner ou Berlioz aos modernissimos Schoenberg ou Strawinski, a maior parte dos nossos publicos, por falta dessa vulgarisação a que nos propomos, labora nos mais lamentaveis erros de educação musical; aqui encontramos um, que, afastado dos concertos de Lisboa ou Porto, julga a

arte musical cristalisada nas melodias veristas da *Cavalleria*, dos *Pathaos* ou da *Bohème*, quando não propriamente na *Aida* ou no *Fausto*; e não longe, um outro considera a verdadeira musica apenas nascida com as paginas vibrantes da *Cavallada das Walkirias* ou da *Consagração do Graal*.

Vida Musical, como revista de vulgarisação, manter-se-ha por isso dentro de um racional ecletismo, evitando como principio deformar a sinceridade critica ou emotiva do publico. As obras de arte e os artistas de todos os tempos e de todas as escolas terão nas suas paginas o comentario desapaixonado que lhes for devido.

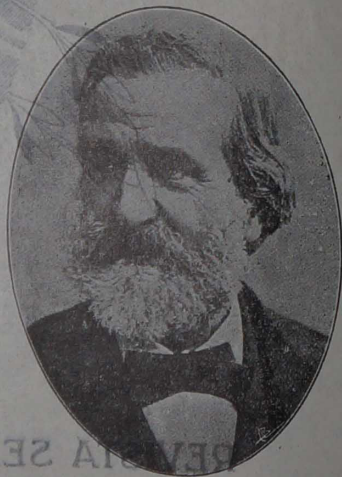
Vida Musical compreenderá entre outras, as seguintes Secções que a todos os amadores da Arte podem interessar:

Uma Cronica da Semana que tanto poderá cingir-se ao comentario despretençoso da semana musical, nacional ou estrangeira, como a qualquer exposição critica, historica ou didatica sobre assuntos de interesse da actualidade.

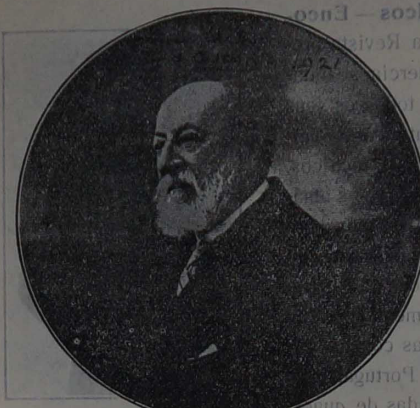
Teatros e Concertos — Informação e critica das principaes audições no nosso paiz, de musica sinfonica, teatral, de camara, etc.

Pelas Revistas — Resumo dos artigos e communicações de interesse musical das principaes revistas europeias e americanas.

Ecoss — Pequenas noticias musicaes de Portugal e do Estrangeiro.



G. VERDI



C. SAINT-SAËNS

(Da ultima fotografia do Mestre, publicada pela *Courier Musical*)

Calendario — Elementos interessantes de historia da arte musical, nacional e estrangeira, colligidos cronologicamente dos principaes trabalhos do genero.

Provincia — *Vida Musical*

não será apenas um órgão do movimento musical dos teatros e concertos de Lisboa ou Porto; como revista de vulgarisação, buscará so-

breretudo interessar a provincia no renascimento musical das nossas capitães, que deverá ser o precursor da vida intensa da divindade especialmente grande copia das suas Secções; taes como a *Cronica Semanal*, as *Novidades Musicæ* e a *Página Didactica*.

Brazil — A patria de Carlos Gomes e José Mauricio (para não citarmos outros distintos musicos da grande nação irmã) não pode ficar esquecida numa Revista de lingua portugueza, falada por trinta milhões d'alem Atlantico.

Vida Musical publicará regularmente cronicas de actualidade dos seus representantes brasileiros, associando carinhosamente a propaganda lusitana a da cultura musical nas Terras de Santa Cruz.

Vie Musicale Portugaise — Resenha em francez dos principaes acontecimentos da nossa vida musical, como propaganda da nossa cultura e dos nossos artistas no estrangeiro.

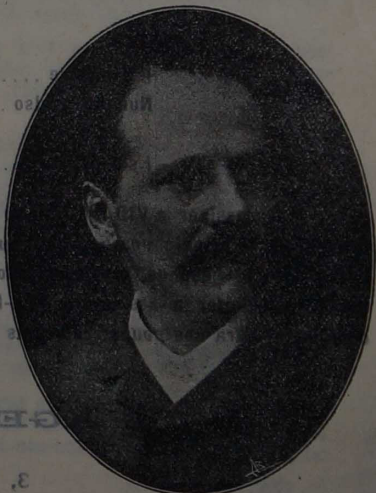
Didactica — Pela primeira vez no nosso paiz, se publicarão apontamentos sistematizados em cada numero, ao alcance de todos os amadores, sobre os mais importantes assuntos de teoria musical, taes como rudimentos de harmonia, contraponto e fuga, instrumentação, ritmica, expressão musical, semiografia, estetica, historia da musica, etc. Um pequeno curso de lingua italiana completa esta secção.

Adem disso, *Vida Musical* para aumentar a utilidade pratica desta secção, creará cursos por correspondencia sobre tão interessantes materias, indispensaveis para a cultura do bom amador. Far-se-ha para estes cursos inscripção em condições especialissimas para os nossos assinantes. Inutil encarecer a importancia destes cursos na Provincia.

Novidades Musicæ — Utilissima resenha das principaes novidades musicæ, editadas em Portugal e no Estrangeiro (musica sacra, de camara, teatral, piano, estudos, etc.)



G. BIZET



J. MASSENET

do. A série de sons musicalmente apreciáveis abrange do mais grave ao mais agudo uma extensão de oito oitavas.

Esses sons, como de sobejo conhece o leitor, representam-se no nosso sistema musical pelos monossilabos DÓ, RÉ, MI, FA, SOL, LA e SI, que se podem fazer ouvir sucessiva ou simultaneamente.

Sucessivamente, dão origem á Melodia.

Simultaneamente, dão origem á Harmonia.

3—Tambem se não desconhece pelo estudo avivado dos rudimentos de musica que os sons podem considerar-se pela sua altura, pela sua duração ou pela sua intensidade.

A harmonia, objecto desta parte do nosso despretencioso estudo, apenas os considera pela sua altura, isto é, pelo que eles são mais agudos ou mais graves. A duração dos sons interessa sobretudo á Rítmica e a sua intensidade á Expressão Musical.

Duma e outra nos occuparemos um dia, se a tanto os nossos leitores nos animarem.

NOTA — Acentuaremos aqui de uma vez para sempre que daremos a estas lições um caracter quanto possível pratico, inspirando-

nos na orientação didactica da applicação immediata de cada um dos conhecimentos em que gradualmente iniciarmos os leitores desta Secção.

Para vincar o lado pratico destes estudos, pondo-os em acção util pelo esforço comum nosso e do leitor estudioso, estamos dispostos a torná-los tão individuais, quanto possamos. Dai o organisarmos para estas lições a explicação por correspondencia para quem assim o deseje.

Assim tomaremos o leitor estudioso das cousas na sua altura exacta, determinada pelo grau actual dos conhecimentos musicais que possui, de forma a cumular progressivamente as lacunas e a habilitá-lo a seguir com proveito estes estudos.

E por isso o leitor, que deseje seguir estes autenticos cursos de *Harmonia pratica por correspondencia*, enviar-nos-ha para a inscrição especial a sua nota individual, indicando, alem do nome, idade, profissão e endereço:

a) — Habilitações literarias e musicais que possui;

b) — Aptidões musicais, de que dispõe. Vocação, gostos e characteristics da sua formação intelectual,

jantar.—A mesa ainda em desordem.

Ciganos, ciganas cantam e dançam. Carmen sobre a mesa, rodeada do oficial e de Morales, canta uma canção boemia, dançando depois com Mercedes e Frasquita.

O oficial, notando a tristeza de Carmen, lembra-lhe o pobre do D. José, preso por causa dela. Carmen pergunta-lhe se ele ainda não saiu da prisão, respondendo-lhe o oficial que naquele mesmo dia foi solto.

A scena é interrompida por cantos entusiasticos; Escamillo, o grande toureiro das corridas de Granada, vai chegar.

Escamillo, convidado a beber, sente-se lisongeado e descreve a luta emocionante do toureiro com o touro — «A praça está cheia, os espectadores perdem a cabeça, clamam, gritam. Porque aquela é a festa do valor...» E, entre o coro dos circunstantes, termina:

«Toréador, en garde!
Toréador! Toréador!
Et songe bien, oui, songe, en combattant,
Qu'un oeil noir te regarde,
Et que l'amour t'attende,
Toréador!»

Feitas as libações, o toureiro atenta em Carmen, e pergunta-lhe o nome, porque o quer invocar no momento de perigo. Fala-lhe de amor, que ela não aceita, e afirma-lhe sem despeito que ele saberá esperar e ter esperança.

—«É permitido esperar e doce ter esperança», responde ela.

O oficial diz a Carmen que, já que ela o não quer acompanhar, ele ali voltará.—«Inutilmente».

Dentro em pouco ficam apenas na taberna Dancario, o Remendado e as três mulheres. Eles convidam-nas então a acompanhá-los á montanha, onde irão passar grande contrabando, expondo cinicamente que em taes negocios, que sejam de burlar, que sejam de roubar, é tempo perdido, se não entram mulheres. *É o celebre quinteto num allegro vivissimo.*

Mas Carmen não quer acompanhá-los. Tal recusa faz extranhar os companheiros, a quem explica estar apaixonada por um soldado que deve ali ir ter com ela.

Fôra, ouve-se a voz de D. José cantando.

As companheiras de Carmen notam o garbo do mancebo e pedem-lhe que faça dele um contrabandista. Ela tentará.

D. José, só com a cigana, confessa todo o seu amor. Ela, radiante, canta e dança com desenvoltura.

De repente o toque de recolher chama D. José, que tem de partir.

Carmen, despeitada, lastima que, enquanto ela só pensa em divertilo, só com o toque de re-

colher ele se preocupe; atira-lhe com o bonet, a espada e a bolsa e diz-lhe que vá para a caserna.

O pobre D. José no entanto está de todo rendido, faz-lhe mil protestos de amor, e, tirando do peito as flores que Carmen lhe dera, jura-lhe que só nelas encontrou conforto durante a prisão. Bastou vê-la para ficar sendo o seu escravo. *E' a delirante e mais romanza da flôr.*

Carmen duvida.—«Se a ama, porque volta ao quartel? Ao contrario deve segui-la para toda a parte, a fim de gosar uma vida errante, em plena liberdade, tendo apenas o ceu por testemunha de tanta ventura».

Batem á porta; o oficial pergunta por Carmen. Não sendo atendido, força a porta e entra.

Vendo D. José, censura que Carmen prefira um soldado a um oficial e intima D. José a retirar-se. Este recusa, e, sendo empurrado pelo oficial, desembainha a espada. Carmen chama por socorro.

Entra a turba dos contrabandistas, Carmen aponta-lhes o capitão que é subjugado, e a quem ela diz ironicamente que o amor o fará passar um mau bocado.

Saindo o oficial, Carmen pergunta a D. José se quer segui-la. Ele acede:—«Como dizer que não?»

Ela então mostra-lhe o quadro ridente da sua felicidade futura, as belezas da vida errante.—«Ter por patria o mundo inteiro, por rei a livre vontade... A liberdade... a liberdade...»

3.º Acto

Entre-acto musical cheio de colorido. Roche-dos escarpados. Sitio pitoresco e selvagem. Solidão completa e noite escura.

Os contrabandistas veem descendo cautelosa-mente pelos desfiladeiros da montanha e cantam em côro os encantos do seu mister, cheio de perigo, mas que eles encaram sem receio.

Dancario aconselha que se espere a noite para passar o contrabando.

Entram alguns ciganos que acendem uma fogueira, junto da qual se assentam Frasquita e Mercedes.

D. José espreguiça ao longe. Interrogado por Carmen, responde com amargura que está pensando numa pobre velha que o julga um homem honrado; essa mulher é sua mãe.

Carmen observa-lhe com enfado que ele não serve para aquela vida, mas D. José, exasperado, afiança-lhe que, se tiver de a deixar, a matará primeiro.

Carmen porém não o teme. Morrerá, se essa fôr a sua sorte. E volta-lhe as costas, sentando-se junto das companheiras.

Estas deitam cartas que lhes anunciam todas as felicidades.